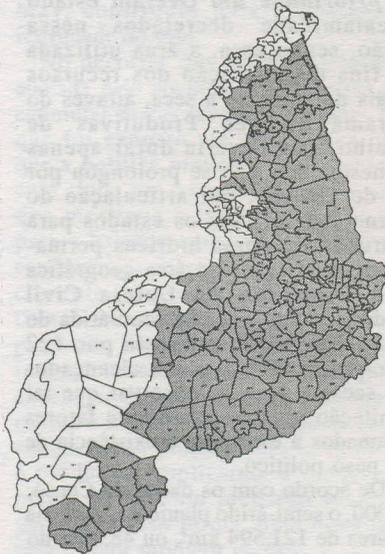


Para um município pertencer a uma sub-região específica teria que dispor de 40 a 100% de sua área inclusa na mesma, tendo como referência a linha divisória de precipitação média anual de chuva que cortasse o município. Caso o domínio semi-árido fosse considerado como sendo parte de duas sub-regiões, incluir-se-iam os municípios que tivessem menos de 40% em uma delas, mas que a soma dos percentuais das duas atingisse o mínimo de 40%. O semi-árido piauiense compôs-se de 156 municípios (Parte hachurada - MAPA).



Obedecendo a esses critérios, detecta-se que, no ano de 2000, o semi-árido piauiense, representou 66,0% do território do Estado, abrangendo 165.830 km² de área. Constata-se, ainda, que 50,4% (1.433.024 habitantes) da população do Piauí encontram-se nessa região, sendo que 49,05% residem na zona urbana e 50,95% na zona rural.

A Tabela 1 mostra uma síntese da área do semi-árido no Piauí, destacando o número de unidades municipais e a população residente, segundo as abordagens consideradas acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A delimitação do semi-árido no Estado do Piauí envolve basicamente três abordagens que contemplam desde critérios políticos a critérios ambientais e sócio-econômicos. A adoção de critérios que envolvem um maior número de variáveis são razoáveis e aproximam as especificidades municipais para ações públicas de convivência com o semi-árido duradouras e transformadoras da realidade, evitando que essa região seja rotulada de problemática devido a falta de chuvas, e que por pressões políticas seja objeto de políticas emergenciais que não resolvem o problema, perpetuando a condição de pobreza ●

*Jaíra Maria Alcobaça Gomes é professora adjunta do DECON/UFPI. Pesquisadora do Núcleo de Referência em Ciências Ambientais do Trópico Ecotonal do Nordeste (TROPEN/UFPI) e Doutora em Economia Aplicada (ESALQ/USP)

Tabela 1 – Número de municípios, área e população, segundo as diferentes abordagens de delimitação do semi-árido e Estado do Piauí – 2000.

Metodologia	Município		Área (km ²)		População	
	nº	%/PI	Total	%/PI	Total	%/PI
SUDENE	109*	49,3	126.011,20	50,1	855 807	30,1
Secretaria da Defesa Civil do Piauí	122	55,2	121.594,30	48,4	956 617	33,6
Lima, Abreu e Lima (2000)	156	70,6	165.830,00	66,0	1 433 024	50,4
Piauí	221	100	251.311,50	100	2 843 278	100

Fonte: SUDENE/Secretaria da Defesa Civil do Piauí/Censo Demográfico 2000.
Nota: * Municípios criados até 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. CD ROM.

LIMA, I. M. de M. F.; ABREU, I. G. de; LIMA, M. G. de. **Semi-Árido Piauiense Delimitação e Regionalização**. Carta Cepró, v. 18, nº 1, Teresina: Halley, jan/jun-2000, p. 162-183.

SALES, M.C.L. **Evolução dos Estudos de Desertificação no Nordeste Brasileiro**. Revista GEOUSP: Espaço e Tempo, São Paulo, nº 11, p.115-126, 2002.

SUDENE. **Região Semi-árida da área de atuação da SUDENE**. Disponível em: <<http://pageservernt.sudene.gov.br/isapi/sig/>> Acesso em: 21 setembro 2001.

** João Soares da Silva Filho é economista. Mestrando em Desenvolvimento e Meio-ambiente pelo TROPEN/UFPI/PRODEMA

*** Francisco Prancacio Araújo de Carvalho é economista. Mestrando em Desenvolvimento e Meio-ambiente / TROPEN/UFPI/PRODEMA

O QUE É ECONOMIA?

João Soares da Silva Filho

Saber economia é conhecer a cotação do euro, hoje? É dizer o valor do Produto Interno Bruto do ano passado? É saber porque o valor do dólar varia? Afinal, o que é saber economia?

Sempre me perguntei quando saberia economia. Sempre quis saber o dia em que diria para mim mesmo: “é, eu entendo...” e lhes digo que esse dia já passou e ao mesmo tempo ainda está para chegar. Confuso, não?

O conhecimento, como muito de nossa vida, é relativo. Houve o tempo em que se poderia considerar conhecedor de economia quem soubesse, por exemplo, discorrer sobre a mais-valia, sobre os valores e preços, quem soubesse das teorias (ou pelo menos nominá-las). Mas isso não é mais saber economia?

E. E não só isso. O mote do fim do século passado ainda é válido: “Vivemos a era da tecnologia e da informação”. Ela por si só diz muito, e por mais insistente e redundante que pareça, está correta. Ao economista de hoje é imperativo estar ligado à realidade. É imprescindível estar bem informado. É preciso dotar-se de uma visão sistêmica, afinal será preciso justificar alguma coisa a qualquer tempo. É para isso que serve a ciência; para responder os questionamentos da sociedade e explicar os meandros pelos quais os eventos são construídos. Não fosse assim, para que conhecer? Deixar o acaso encarregar-se de tudo?

Quando chegamos à universidade, nos sentimos incertos quanto ao que iremos enfrentar. Talvez isso justifique o número considerável daqueles que não atingem o seu final. Mas mesmo permanecendo, tem-se ainda duas opções: apaixonar-se pela economia ou suportá-la até que o canudo nos seja entregue.

Vamos ponderar mais um aspecto: o que é preciso fazer para saber economia?

Essa resposta é conhecida desde toda a nossa vida acadêmica. É preciso estar atento e INDAGAR! Lógico, não? Talvez todo o mistério do conhecimento seja a curiosidade.

Respiramos economia o dia inteiro! Vejamos: na mesa do café da manhã podem existir bens substitutos; na ida à universidade podemos ver a oferta e a demanda por transporte; ao descansar frente a TV podemos ver a maneira pela qual as pessoas são levadas a consumir; e assim uma infinidade de situações. Epa, mas economia é isso? É sim. É muito mais.

O estudioso - de qualquer ciência - é aquele que se joga à loucura sem abdicar da sanidade. É aquele que busca exercitar a mente para o exercício do raciocínio. É aquele que quer provar das situações, ou senão, compreendê-las. É aquele que durante as quase duas horas de uma aula se pergunta muitas coisas e que talvez devesse partilhar esses questionamentos com um outro que está ali para auxiliar e dirimir as dúvidas: o professor.

Esse agente, imprescindível, deve ser usado. E não só através da atenção às suas explicações, mas fazendo-o mais conhecedor. Como se faz isso? Discutindo, interrogando, discordando. O conhecimento não se transfere, o conhecimento se adquire. Saber economia - ou qualquer outra ciência - não é discorrer sobre ela utilizando jargões (economês) ou fórmulas mirabolantes. Saber economia é entender porque a realidade se apresenta desta e não daquela forma. Por fim, resta dizer que saber economia talvez seja conhecer a cotação do euro, hoje; dizer o valor do PIB do ano passado; saber porque o valor do dólar varia... Por que não? É uma última consideração: o tempo de aprender economia é agora ●